

Revista Geni: o empoderamento e a produção colaborativa no jornalismo online

Débora Cardoso¹

Julie Utsch²

Laís Ferreira³

Resumo

Este trabalho reflexiona sobre o empoderamento e a produção colaborativa na revista independente e online “Geni – Dá para qualquer um”, voltada para a discussão sobre questões relacionadas à sexualidade e ao gênero. O texto aborda a experiência de pesquisa, acompanhamento editorial e entrevista dos editores e leitores da revista, realizada pelas autoras do artigo durante o primeiro semestre de 2014.

Palavras-chave: *jornalismo online, jornalismo colaborativo, empoderamento; gênero e sexualidade.*

Introdução

Criada e produzida por uma formação coletiva de jornalistas, acadêmicos, pesquisadores, artistas e militantes, a revista Geni foi lançada há quase um ano, em 1 de junho do ano passado. A pesquisa da revista foi feita com base nas seguintes estratégias metodológicas principais: o desenvolvimento de entrevistas com os editores da revista; o desenvolvimento de entrevistas com leitores da revista; e o acompanhamento e leitura das edições publicadas durante os meses de março, abril e maio de 2014. Nesse período, as

¹ Julie Utsch é graduanda em Comunicação Social pela UFMG e pesquisadora bolsista pelo CNPq sobre os temas de jornalismo e Gênero.

² Laís Ferreira Oliveira é graduanda em Comunicação Social pela UFMG. Atualmente, cursa o sétimo período com habilitação em jornalismo e desenvolve pesquisa sobre o cinema brasileiro.

³ Débora Oliveira Cardoso é graduanda em Comunicação Social pela UFMG, com ênfase em Jornalismo. Atualmente, direciona seus estudos para o domínio da Comunicação Intercultural.

alunas foram orientadas pelo professor doutor do Departamento de Comunicação da UFMG Elton Antunes⁴, responsável por ministrar a disciplina de Projetos BII, voltada para o acompanhamento de processos de produção comunicacionais.

O contato com os editores voltou-se, principalmente, para a compreensão dos mecanismos de pauta e apuração da publicação online, proporcionando às estudantes estabelecer um olhar crítico sobre o material que se analisaria nos meses seguintes. Por sua vez, o diálogo com os leitores alicerçou-se na necessidade de se compreender as estratégias de empoderamento de Geni⁵ como factíveis e inseridas no cotidiano dos leitores, sobressaindo à dimensão virtual para se estabelecer de maneira concreta na vida ordinária. Nesses processos, a leitura das revistas possibilitou a apreensão de temas e conteúdos para a realização das entrevistas; representou, porém, apenas um ponto de partida para outros processos, não se constituído como uma análise textual das edições.

Metodologia

A metodologia empregada para o desenvolvimento da observação da Revista Geni, tentou articular-se de forma que pudéssemos nos familiarizar com os próprios métodos utilizados para o desenvolvimento e redação da revista. Para tanto, tentou-se se aproximar dos aspectos considerados basilares para a existência da publicação: a abordagem de temas relacionados ao gênero e à sexualidade; a redação colaborativa e os efeitos da internet na distribuição e propagação do conteúdo.

Durante o primeiro mês de trabalho, optou-se por realizar entrevistas formais com os editores da Revista, a fim de se adquirir mais informações sobre a história e a linguagem por ela utilizada. Para o estabelecimento desse contato, as três participantes de Projetos BII⁶ solicitaram a participação no grupo *online* “Coletivo Geni”, desenvolvido na rede

⁴ Graduado em Comunicação Social pela UFMG (1988), mestre em Sociologia pela UFMG (1995) e doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea na UFBA (2007). Atualmente é professor da UFMG, pesquisador permanente do PPGCOM/UFMG e participa do Grupo de Pesquisa Imagem e Sociabilidade (Gris). Dedicar-se às pesquisas em torno do jornalismo. Foi coordenador de comunicação do Projeto Manuelzão, ação de extensão da UFMG (2002/2013).

⁵ A Geni é uma revista virtual independente sobre gênero, sexualidade e temas afins. As edições da revista estão disponíveis em <<http://revistageni.org/>>. Acesso em 10 de julho de 2014.

⁶ No currículo corrente da graduação em comunicação social pela UFMG, as disciplinas de Projetos propõem um acompanhamento descritivo e reflexivo dos processos básicos das práticas profissionais relacionadas ao universo da comunicação. Os objetivos do curso são: promover a aproximação crítica de teorias e realidade

social *Facebook*, em que leitores, redatores e simpatizantes das revista discutem, diariamente, temas relacionados aos assuntos abordados nas edições e, também, deliberam e estabelecem relações que influenciam o processo editorial da publicação. Por meio do grupo, as estudantes conseguiram o contato dos editores e, em um primeiro momento, tentaram conversar com Aline Boueri e Marcos Visnadi, editores cujo uso do *Facebook* e atuação nas redes sociais favoreciam a aproximação mais ágil e rápida com as estudantes.

Durante a realização dessa primeira entrevista, Boeri foi quem enviou o formulário com as questões respondidas ao e-mail da aluna Laís Ferreira; utilizou, porém, o uso da primeira pessoa do plural em suas respostas e afirmou, constantemente, apenas ser porta-voz de questões que foram deliberadas coletivamente com os demais profissionais que escrevem na Revista.

A atenciosa observação aos apontamentos da editora, permitiu às estudantes identificar particularidades do processo de produção da Revista Geni. Nesse processo, sobressaiu sempre o desejo de constituí-la de forma grupal e colaborativa. Destacou-se, por exemplo, a declaração de Boueri acerca da estruturação do editorial da revista:

O editorial é um diálogo com o momento de cada edição – procuramos mapear, recuperar os acontecimentos que marcaram o mês anterior e que geraram algum tipo de debate público ou reflexão dentro do coletivo. Em algumas edições, ele foi feito por um só participante; em outras, em processo colaborativo, no qual um cria uma estrutura, outro a costura com referências, etc. A versão final, porém, é sempre submetida ao coletivo⁷.

Tomada, em muitas publicações, como uma editoria em que se destaca a opinião e a perspectiva de um repórter sobre determinado tema, a formatação do editorial de forma colaborativa é uma característica que permite compreender como a revista deseja se apresentar diante dos leitores. Essa identidade é distinguida, também, pela maior liberdade em relação ao uso dos caracteres e do texto: em suas respostas, Boeri reafirmou a flexibilidade do tempo de apuração, caracteres e temas da revista. Aberta a mudanças mesmo às vésperas do prazo de fechamento de uma edição, essa formatação representa um desafio não somente para aqueles que redigem a revista, mas também para aqueles que se propõem estudá-la. Guiadas por periodicidades oscilantes e pela variância dos temas ao longo dos meses, as realizadoras do Projeto estiveram atentas à necessidade de adaptação

empírica; desenvolvimento de reflexão sobre a observação; aquisição de repertório em nível intermediário de produtos da comunicação e perceber o senso prático vinculado ao exercício de uma dada operação.

⁷ BOUERI, Aline. Entrevista concedida a Laís Ferreira em 15 de março de 2014.

dos roteiros de entrevista, e procuraram construir uma análise da revista aberta a sua dinâmica orgânica.

Durante o mês de abril, observou-se a necessidade de interagir não somente com os editores a respeito dos processos de pauta e apuração, mas, também, de aproximar-se dos leitores para melhor compreender sua relação com a Geni. Isto porque, nessa edição, os internautas receberam conteúdos difíceis de serem encontrados em outras publicações, como algumas dicas de como proceder para realizar um aborto, na seção Geni Responde. Foram, então, aplicados dois questionários principais, um direcionado aos leitores e outro, aos editores.

Um dos leitores entrevistados, o estudante de Comunicação Social da UFMG José Henrique Pires, salientou, em uma de suas respostas, a necessidade de situar a Revista Geni em um contexto macro de democratização da comunicação social. Segundo Pires,

A publicação não é tão única ou inovadora, uma vez que, ao seu modo, mesmo que mais despreparadas, outras publicações, principalmente na internet, também fazem sua militância, e trazem questões pouco vistas na grande imprensa. Sites e blogs feministas (destaco blogueiras negras) e também do público LGBT (mix brasil, a capa, superpride, neto lucon) são todas publicações que falam e publicam aquilo o que não é usual, ou que talvez seja censurado na grande imprensa, que no caso são as temáticas e reivindicações das ditas “minorias oprimidas”⁸.

A resposta de Pires aponta para a importância do uso de questionários com os leitores no processo de pesquisa da Revista Geni: construir perspectivas e olhares sobre a publicação que não se circunscrevessem às perspectivas únicas das estudantes, mas que se aproximassem de um efeito e aproximação real da publicação diante do mercado comunicacional.

Outra questão relevante na entrevista realizada com Pires, foi a aparição de alguns elementos que ainda não são alcançados pela pauta e pela apuração da Revista Geni. Ao ser interrogado sobre futuros temas para a Revista, Pires afirma:

Gostaria de ver uma aderência maior a temáticas trans*, grupo invisível à maioria das publicações, inclusive as ligadas a direitos humanos. Aqui, destaco não só espaço para falar sobre pessoas trans*, mas espaço para que essas próprias pessoas falem. Além desses espaços, acho que temas mais cotidianos, as relações sutis de gênero e sexualidade que se estabelecem em diversos momentos de nossas vidas e nas nossas práticas sociais, deviam ser mais exploradas.

⁸ PIRES, José Henrique. Entrevista concedida a Laís Ferreira em maio de 2014.

O depoimento de José Henrique aponta para um aspecto que pode ser considerado como uma crítica à forma como as entrevistas e o aparecimento de depoimentos da Revista Geni representam um desafio para as formas tradicionais do jornalismo. Embora haja o objetivo de se instituir da forma mais democrática possível, a Revista Geni ainda permanece no uso do discurso do outro pelo jornalismo, o qual nem sempre pode, pela dinâmica de construção do texto, manter integralmente a fala do entrevistado.

Sobre a questão da censura na imprensa, a leitora Andrea Longobardi⁹ convocou o jornalismo colaborativo como elemento central da luta contra essa repressão. Para ela, só a organização coletiva da Revista em si já implica um posicionamento que se contrapõe aos veículos de comunicação tradicionais, comunicando experiências subjetivas em detrimento de uma verdade absoluta. *“A inquietação do coletivo em constantemente fazer autocrítica, mudança de rumos e construir coletivamente, demonstram o cumprimento do projeto inicial de fazer algo que estava ‘faltando no mundo’”*.

A entrevistada, que já atuou também como colaboradora (*A Bruxa Revolucionária*¹⁰), destaca a importância de comunicar temas que nascem de questionamentos coletivos e pessoais, e descreve como explosiva a sensação de receber de volta os debates e comentários acerca de seu trabalho: *“Você se lembra que a palavra fala, e a gente tem tanta palavra muda em volta que esquece que pode despertar a memória e o olhar através do texto”*. De acordo com ela, o sucesso da revista mora na delicadeza da abordagem – como na seção Geni Responde - e na força de manter-se na interseção entre coletivo e pessoal. *“Talvez em função da estrutura coletiva da edição, há um verdadeiro diálogo. Quem fala com a Geni ouve sua própria voz - algo raro -, e pode até causar transformação ou transformar-se, porque o processo educativo em grupo começa justamente no ser ouvido”*, completa Longobardi.

A leitora Jaqueline Couto¹¹, de forma apaixonada, aponta o que lhe chama a atenção na revista Geni: *“uma certa agressividade verbal”*, aponta, diz respeito de uma linguagem própria da revista. Ela a compara com outra publicação, a revista *TPM*¹², e afirma que *“A diferença, como disse antes, é que a Geni é mais visceral. Põe o dedo na*

⁹ LONGOBARDI, Andrea Piazzaroli. Entrevista concedida a Débora Oliveira Cardoso em 8 de maio de 2014, via e-mail.

¹⁰ Texto publicado no nº10 da Revista Geni. Disponível em <<http://revistageni.org/03/a-bruxa-revolucionaria/>> Acesso em 14 de julho de 2014.

¹¹ COUTO, Jaqueline. Entrevista concedida a Laís Ferreira em maio de 2014.

¹² Disponível em <<http://revistatpm.uol.com.br/>> Acesso em 14 de julho de 2014.

ferida sem dó. Isso é fantástico e sedutor em uma publicação". Assim como o leitor Pires, Jaqueline também reconhece que o conteúdo da Geni já é pauta em outras publicações; entretanto, coloca como diferencial a sua forma de fazê-lo, "*A Geni escancara, abre o berreiro. Ela ulula na cara da sociedade*".

Já a internauta Bianca Cestaro¹³ surpreendeu com o retorno à entrevista. Apesar da participação ativa no grupo do Coletivo no *Facebook*, Bianca revelou nunca ter lido sequer uma edição da Geni e, inclusive, desconhecia o fato de que a Revista não dispõe de versão impressa. Embora ela não tenha respondido nenhuma questão referente aos textos e temas explorados pela edição em questão, sua opinião foi extremamente interessante para ajudar a compreender a Geni para além da Revista, como espaço de debate e deliberação. "*Fui convidada pelas minhas amigas a participar do grupo, principalmente pelo meu interesse em questões sobre aborto e feminismo. Cheguei a fazer parte de vários grupos online, mas as discussões no grupo Geni foram as melhores que já participei*", disse. A respeito de militância, Cestaro ponderou que a ternura é o melhor caminho para fugir do extremismo e da auto manipulação: "*A ternura nos livra do egoísmo, nos permite colocar no lugar do outro, aceitar melhor as críticas*". No grupo do Coletivo, ela relata ter encontrado uma cautela com relação aos assuntos mais pesados acerca do feminismo que ela não encontrou em vários outros espaços de debate sobre o mesmo assunto. "*Os membros do grupo são muito educados, bem informados e maduros, o que me inspirou muito (...) Ficaria feliz em participar com eles de um debate sobre a participação masculina no feminismo*".

No mês de maio, fizemos outra entrevista com os editores da Revista Geni. Dessa vez, quem respondeu às perguntas foi o editor Marcos Visnadi¹⁴. As respostas de Marcos para essas perguntas permitiram observar dois aspectos importantes do processo de observação do contato com um produto da comunicação social: como aqueles que investigam a dinâmica de determinado produto de comunicação podem construir perguntas que não sejam necessariamente a procura pelos aspectos mais determinantes nesse produto, e como o contato com questões advindas de pessoas exógenas a dinâmica de produção favorece ao despertar de novos rumos na produção. No primeiro caso, destaca-se a afirmação de Visnadi a uma pergunta onde questionamos sobre a Geni fornecer respostas que outros veículos não fornecem: "*Não acreditamos, todavia, que a Geni seja uma fornecedora de respostas não abordadas por outros veículos*", porque, de fato, temos

¹³ CESTARO, Bianca. Entrevista concedida a Débora Oliveira no dia 6 de maio de 2014, via *Facebook*.

¹⁴ VISNADI, Marcos. Entrevista concedida a Laís Ferreira em 7 de maio de 2014, via e-mail.

mais questões do que respostas em nosso dia a dia". Além de mostrar diferenças na visão das estudantes com relação àquela dos editores, a resposta de Visnadi aponta para uma percepção do jornalismo nunca ser capaz de encerrar a realidade em sua inteireza.

Outro ponto de destaque da entrevista com Visnadi foi sobre a questão da memória de Geni. Segundo o editor,

Essa pergunta deixou a todos aqui na Geni superpreocupados! Ela revela o quanto importantes (e fundamentais) vocês, leitores, são para que a gente continue existindo, pois, na realidade, até vocês nos questionarem, nunca havíamos de fato discutido isso entre a gente. O que é extremamente interessante, pois temos uma seção chamada Memória justamente para resgatar todo um trabalho feito por outras revistas e que se perdeu, ficou esquecido.

Estamos prestes a completar nosso primeiro ano de existência e, talvez por isso, tudo ainda seja muito recente e esse tema nunca tenha aparecido em nossas discussões; sua pergunta, porém, nos faz pensar que, a longo prazo e, se não nos preocuparmos e desenvolvermos formas de "preservar nossa memória", o risco dessa memória se perder é eminente.

Por sermos um veículo digital e pelo fato de que praticamente todos os nossos intercâmbios são feitos por e-mail ou chats, podemos dizer que está tudo registrado. Entretanto, nos perguntamos se apenas esse registro é suficiente"

Nesse depoimento, percebe-se que há uma diferença clara no tempo daqueles que produzem determinado produto de comunicação e aqueles que os pesquisam. Como destacado por Visnadi, o curto tempo de existência da Geni ainda não foi o suficiente para se despertar para a preservação dos conteúdos editorados, além da crença como ferramenta suficiente para se preservar o conteúdo da revista. No entanto, a interpolação das estudantes traduz algo existente na dinâmica dos veículos de comunicação e, talvez, se acentue ainda mais em Geni: o contato com o público de determinado produto de comunicação favorece o despertar de aspectos inicialmente não identificados por aqueles que o produzem, e estimula um novo olhar sobre o trabalho. No caso de Geni, a forma colaborativa como se desenvolve a Revista favorece ainda mais a abertura à perspectiva externa, na medida em que é por meio da deliberação que a revista é construída.

A linha editorial e os mecanismos de pauta e apuração da Revista Geni

Desde as suas primeiras edições, a Revista Geni inovou por construir uma linguagem jornalística, em que se priorizava sempre a difusão mais ampla da informação e a possibilidade de ela circular de forma colaborativa e aberta à discussão e a reapropriação dos conteúdos. De acordo com umas das editoras da publicação, Aline Boueri, em

entrevista concedida às estudantes responsáveis pelo desenvolvimento desse projeto, “*Não somos uma revista comercial e nossa preocupação é remeter a textos que consideramos que valem a pena ser lidos, seja por sua relevância para a questão que estamos apresentando, seja por constituírem um contraponto ou um complemento ao que estamos dizendo*”. Referente ao constante uso de *hiperlinks* no corpo da revista, a declaração de Aline aponta para uma das características diferenciais da revista: a pretensão de se desvincular da perspectiva de se constituir como entidade rígida de produtora de conteúdo, vinculada ao jornalismo como ferramenta instrutiva e portadora da veracidade, e tornar a revista apenas como ponto de partida para discussões exógenas ao corpo editorial.

Esse perfil aproxima a revista Geni de um vínculo voltado ao desenvolvimento do empoderamento por parte daquele que nelas escrevem e também dos leitores. De acordo com Silva, Pires, Ferraz, Uliani, Busolini, Pompeo e Guadagnuci, em “Empoderamento das Tecnologias de Comunicação como Meio para Obtenção de Cidadania”:

[...] a internet abriu espaço a uma demanda que enxergou um espaço para o exercício da cidadania. Dentro do ambiente cibernético, as barreiras sociais são quebradas graças as ferramentas digitais. Ainda que não exista um pleno domínio desta tecnologia por todos os grupos que constituem uma parcela relegada, ainda assim, a capacidade de empoderamento da internet tem se mostrado efetiva, no sentido em que ela oferece suporte para que se possa criar qualquer ferramenta comunicacional, seja um jornal on-line ou uma rádio. (SILVA; et al., 2014, p.3)

A Revista Geni se insere num contexto midiático em que, embora algumas ideias sexistas e moralistas venham se enfraquecendo, os meios de comunicação tradicionais ainda agem como instrumento de normatização dos corpos e dos modos de vida. Segundo Silva, Pires, Ferraz, Uliani, Busolini, Pompeo e Guadagnuci: “*Mais como um ambiente e não como um meio (PERUZZO, 2011), a internet traz a possibilidade de uma comunicação quase que oral. Os espaços que a rede proporciona, de discussão e partilha, têm grande uso dentro do pensamento da comunicação alternativa*”. (SILVA; et al., 2014, p.4). Partindo dessa perspectiva, percebe-se que a seleção dos temas a serem abordados, bem como a sua forma de tratamento, estão alinhados aos interesses econômicos e políticos daqueles que viabilizam a sua existência enquanto grande mídia (financiadores).

A organização que nos propomos acompanhar é de natureza coletiva, sem fins lucrativos e utiliza de um meio de comunicação alternativo, que não conta, portanto, com espaço publicitário ou remuneração dos colaboradores.

Organizações coletivas são entidades formais que não estão vinculadas ao aparelho estatal (embora possam contar com recursos oriundos da esfera pública); que produzem bens ou serviços que atendam seus próprios membros e/ou o público externo (e portanto contem com alguma forma de coordenação e controle internos para que isso se realize, embora não apresentem uma racionalidade instrumental nessas atividades) (...) onde existe participação de voluntários e há colaboradores na forma de apoiadores esporádicos ou participantes mais ou menos passivos, os quais podem se tornar sustentadores políticos ou financeiros (TAVARES, 2003, p. 63)

Isto é, nas palavras dos editores, a Geni se autodefine como “uma revista virtual independente sobre gênero, sexualidade e temas afins. Ela nasce da falta que faz, no Brasil, um veículo de comunicação que atente às diferenças em questões de gênero e sexualidade”¹⁵. No que concerne às circunstâncias de desenvolvimento da prática jornalística, em entrevista ao grupo, a leitora Andrea Piazzaroli Longobardi resumiu de forma eficiente a atuação do Coletivo em uma sociedade que clama, cada vez mais, pelo debate de questões que tangem aos interesses e às necessidades coletivas ou de determinado grupo social.

A Geni faz uma intersecção rara entre a visão ampla, social, dos fatos e a experiência subjetiva. Isso faz com que as experiências subjetivas sejam comunicadas não em uma forma de alienação individual – “o que eu penso, acho” “a opinião de cada um”, etc – que leva um esvaziamento das questões. A subjetividade aparece nos textos da revista como uma experiência socialmente construída, mas ainda assim sem atropelar a força criadora das pessoas. Uma outra questão é que a Geni propõe, como coletivo, uma constante busca por não cair em dogmas e categorias fechadas, isso faz com que todos os textos sejam escritos como convite a conversas que podem fecundar (...) Nas palavras dos editores, fazer algo “que estava faltando no mundo”: Uma conversa séria, mas não academicista, democratizada mas não mercantilizada, debate de verdade.

Aqui, gostaríamos de ressaltar que o diferencial da Geni não reside em tratar assuntos que não são tratados pelas mídias tradicionais - como acreditávamos convictamente antes da realização deste projeto -, e sim na amplitude em que são explorados.

0 processo de produção de Geni

Assim como diversas outras organizações jornalísticas, a Geni não conta com um manual de normas a serem seguidas pelos colaboradores, mas a conversa com os editores

¹⁵ Definição extraída da página inicial do site da Revista Geni. Disponível em: <<http://revistageni.org/>>

permitiu-nos constatar alguns costumes e valores que orientam a rotina de produção da revista. Ao contrário de outras publicações, a Revista Geni apresenta-se como um veículo aberto a organicidade do processo jornalístico, na medida em que se constrói por meio da dinâmica de interação dos redatores com temas contemporâneos, de forma a conciliar a editoração do produto com outras atividades daqueles que o fazem.

0 tempo de produção

Segundo a editora Aline Boueri, a produção de um novo número da revista começa, em geral, poucos dias após o lançamento da edição anterior:

Temos uma planilha coletiva em que organizamos as pautas das futuras edições (não apenas da atual, mas das próximas também), nas quais estão elencados os temas e os nomes dos responsáveis pelas matérias (que se comprometeram anteriormente), assim como os responsáveis pela edição, revisores e ilustradores que trabalharão em cada texto.

Ela acrescenta, ainda, que não há uma rigidez muito grande com relação à pauta, a qual é constantemente atualizada à medida que recebem textos bons de colaboradores. Sendo assim, alguns textos não previstos para a edição em questão podem acabar entrando, enquanto outros já previstos podem aparecer em números posteriores.

0 editorial e as ilustrações: decisões coletivas

A breve análise de alguns números da revista despertou a curiosidade do grupo a respeito da redação e autoria dos editoriais, assinados sempre pelo Coletivo Geni. De acordo com os editores, essa seção é um diálogo com o contexto em que cada edição é lançada, no qual são trazidos à tona acontecimentos que marcaram o mês anterior e que suscitaram debate público ou reflexão dentro do coletivo. Embora o editorial possa ser produzido por um só participante, sua versão final será sempre submetida à opinião e aprovação coletiva. Assim como este e todos os processos da revista, as ilustrações também são decididas em grupo, pois, de acordo com os editores, a linguagem visual da Geni é tão importante quanto a verbal para a discussão dos assuntos propostos. *“Além dxs convidadx, o próprio coletivo tem ilustradorxs, entre xs quais os artigos são distribuídos,*

e que podem escolher sobre quais textos preferem trabalhar ou se disponibilizar a ilustrar algum texto de última hora – o que acontece com alguma frequência”, conta a editora. Recentemente, um dos integrantes do coletivo, Tiago Kaphan, assumiu a editoria gráfica da revista, e costuma fazer as decisões mais técnicas, o contato com os ilustradores e a harmonização visual de cada edição.

A cautela ao falar das relações de gênero

Tratando de uma revista que nasce da falta de um veículo de comunicação brasileiro que atenda às diferenças em questões de gênero e sexualidade, parece-nos evidente que a cautela e atenção ao abordar esses temas são uma “máxima” da Geni. Talvez essa seja a única dentre as normas aqui identificadas à qual o coletivo segue com rigor absoluto; e daí surge o hábito por parte de colaboradores e editores de trocar as terminações léxicas de gênero pela letra ‘x’. Segundo o editor Marcos Visnadi, “*o nosso foco [da Geni], no entanto, são as questões de gênero e sexualidade numa perspectiva não normativa, não fetichista e que, tanto quanto possível, privilegie a fala de grupos sociais que não têm espaço nos meios de comunicação tradicionais*”.¹⁶

Imparcialidade e a liberdade dada aos colaboradores

Quando perguntados sobre a imparcialidade jornalística, os editores chamaram atenção para o fato de que nem todos os colaboradores são jornalistas e que é muito difícil encontrar um consenso com relação à parcialidade. De acordo com eles, a Geni procura refletir o ponto de vista de cada articulista, mas também uma visão mais ampla enquanto coletivo militante. “*Nossa posição política está expressa em nossa linha editorial, em nossos recortes e nos assuntos que escolhemos abordar. Temos um compromisso em averiguar as informações que difundimos, em checar a validade das fontes, mas não acreditamos que isso nos torna imparciais, pelo contrário*”, declara Marcos Visnadi.

O último e, no entanto, o mais importante valor que identificamos no “fazer profissional” da Geni é a liberdade textual e de pensamento atribuída aos colaboradores. Não há, por exemplo, limites específicos de caracteres/laudas para as matérias. “*Caso seja*

¹⁶ VISNADI, Marcos. Entrevista concedida a Laís Ferreira em 7 de maio de 2014, via e-mail.

necessário que um texto seja um pouco mais extenso dado ao assunto de que ele trata (uma entrevista interessante ou um artigo mais denso), os autores têm total liberdade para usar o espaço que acharem necessário – nossa prioridade é realmente a qualidade dos textos”, enfatiza Aline. A mesma regra vale para os hiperlinks: é o autor do texto quem decide quais serão utilizados, de acordo com o que foi encontrado em seu processo de pesquisa e apuração das pautas (embora muitas vezes os membros do coletivo sugiram referências que acrescentam outros olhares ao tema que está sendo tratado). Em suas partes mais autorais, compostas por colunas, a Geni permite, inclusive, o uso da primeira pessoa, e os textos não são alterados durante o processo de edição.

A opção que fizemos foi de garantir a cada autorx o uso da primeira pessoa e a liberdade de estilo. No entanto, quando x autorx faz parte do coletivo, pode enviar seu texto para a nossa lista de e-mails pedindo sugestões, que podem ou não ser levadas em consideração antes que elx envie a versão final.

Procuramos, ainda, enxergar essa liberdade sob a ótica de um colaborador, Victor Farinelli, autor do texto *Doutora B e as mulheres* (nº9). Farinelli, que também escreve para a Carta Capital e Opera Mundi, concluiu que a relação entre jornalistas na Geni é muito nivelada; mais de “igual pra igual”, uma vez que seus colegas também vivem a experiência de jornalistas *free-lancer*. Sobre a liberdade que lhe é atribuída enquanto jornalista na Geni, ele aponta: “*Não tenho poder de editor, mas minha opinião é levada em conta, e isso não é comum na maioria dos meios de comunicação – no Brasil e em outros países que conheço. Isso me dá certa satisfação e aumenta minha convicção com respeito ao trabalho que realizo*”¹⁷.

Os participantes, papel e as funções dos profissionais na redação de Geni.

A revista Geni conta, basicamente, com três tipos de participantes. Os editores, os colaboradores e os leitores/colaboradores. Os editores são responsáveis pelo tema do mês, pelas pautas, por decidir quais textos serão publicados, e realizam as reuniões de pauta onde esses temas são discutidos e decididos coletivamente. Os colaboradores fixos contribuem com regularidade e possuem liberdade também para propor pautas, mas não necessariamente estão ligados ao processo de elaboração das mesmas. São uma equipe

¹⁷ FARINELLI, Victor. Entrevista concedida a Débora Oliveira em 16 de março de 2014, via e-mail.

bem diversa, formada por ilustradores, jornalistas e colunistas. Já os colaboradores/leitores são a camada mais fluída: são leitores que eventualmente colaboram com a revista, que participam dos debates no grupo do *Facebook* e que sugerem pautas; esses papéis, que eventualmente podem parecer rígidos, são mutáveis, como no caso da participação dos leitores na redação das matérias vinculadas à revista virtual.

As redes de interação formal e informação no campo de atuação

A Geni está intrinsecamente ligada à cultura digital e, portanto, suas redes de interações também estão fortemente vinculadas à Internet. Possui um grupo no *Facebook* com algumas centenas de membros onde são discutidos assuntos ligados à temática do gênero e da sexualidade; deste grupo, também é possível acessar os colaboradores e editores da revista. É também onde os leitores mais engajados podem discutir a revista e temas relacionados à militância de gênero e sexualidade.

Por sua natureza colaborativa, as redes de informação e interação acabam acontecendo de forma orgânica, tanto entre indivíduos que partilham de uma militância constante e possuem suas redes quanto daquelas que acabam sendo projetadas via Internet, entre pessoas que não se conhecem pessoalmente.

Histórico da instituição e da atividade

A revista Geni surgiu em Junho de 2013, e se encontra em sua décima primeira edição. Os colaboradores foram se delineando melhor ao longo do tempo, e hoje a equipe conta com alguns colunistas que um dia já foram leitores, além de editores, de editor gráfico, e ilustradores fixos. Ao longo desses meses, ganhou como colaboradores nomes como o artista Gui Mohallem e o repórter Victor Farinelli. Aos poucos demarca seu espaço enquanto uma revista ativista e militante das temáticas de gênero e sexualidade.

As mudanças, atividades e rotinas aconteceram de forma orgânica, a partir de ajustes, iniciativas e interesses que foram surgindo ao longo do tempo entre os integrantes da revista.

Formas de organização da atividade

A revista possui uma reunião de pauta, onde são discutidas as pautas, e ela é aberta também para não editores. Os prazos e datas são delimitados conforme for possível para o grupo, uma vez que o trabalho da Geni é voluntário; como afirma Aline Boueri, os integrantes possuem seus respectivos empregos e outras responsabilidades, por isso os prazos podem ser modificados.

Farinelli destaca que a revista não lhe limita o espaço, os caracteres ou a forma da escrita; afirma também que reconhece suas opiniões no processo de formulação, o que diz respeito de uma liberdade editorial que é fornecida aos colaboradores.

As colaborações enviadas pelos leitores podem ser solicitadas ou espontâneas, e se for julgada pertinente, uma matéria pode ser realocada para dar espaço a uma colaboração espontânea.

Conclusão

O tempo e a forma como se desenvolvem os processos cotidianos da produção em comunicação social desfavorece, em muitos momentos, a realização de processos reflexivos sobre as atividades que se desempenha nesse ramo profissional. Dentre outras consequências, a necessidade de se ter de trabalhar sempre na medida da facticidade desfavorece a adoção de novas ferramentas e estratégias de produção, circunscrevendo, muitas vezes, o trabalho jornalístico a linguagens engessadas. Em contrapartida a essa realidade, a disciplina de Projetos BII contribui, positivamente, para o fortalecimento da autonomia por parte dos estudantes e de novas apropriações dos mecanismos da profissão. No caso da observação de Geni, a aprendizagem construiu-se por meio de dois pilares principais: o reconhecimento de que a prática colaborativa é uma realidade do jornalismo desafiadora, mas pouco abordada nas escolas da profissão; e a importância dessa forma para se trabalhar com temas ainda marginais em nossa sociedade.

A realização da pesquisa permitiu conhecer e compreender novas relações dentro do campo do jornalismo: a construção de identidade de um veículo de comunicação para além de seu suporte/dispositivo; a relação de liberdade textual do jornalista; a relação de igualdade entre colegas, editores e leitores e, obviamente, a interação entre o meio e seu

público. Ao longo desse processo de acompanhamento, a Geni mostrou-se, mais do que uma revista; uma arena de debate, sustentável em termos de jornalismo colaborativo; que se mantém relevante para seu público cativo e que consegue, com sucesso, atender às suas propostas enquanto um meio de comunicação que propõe abordar com amplitude as questões de gênero e sexualidade.

Referências Bibliográficas

AGUINSKY, Beatriz Gershenson e FERREIRA, Guilherme Gomes. *Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas*. Revista Katálysis, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 223-232, jul./dez. 2013.

TAVARES, Patrícia da Cunha. *Gestão de Organizações Coletivas: Um Quadro de Referências*. São Paulo: EAESP/FGV, 2003, 139p. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação da EAESP/FGV. Área de Concentração: Organizações e Recursos Humanos disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2459/1200301447.pdf?sequence=1>>. Acesso em 25 de maio de 2014.

DA SILVA, Aline; PIRES, Bruna Carolina; FERRAZ, Gabriela Andrade; ULIANI, Isabela; BUSSOLINI, Murilo; POMPEO, Walkíra; GUADANUCI, Joyce - *Empoderamento das Tecnologias de Comunicação como Meio para a Obtenção da Cidadania* - Trabalho apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vila Velha - ES – 22 a 24/05/2014 - Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1009-1.pdf>>. - Acesso em 24 de maio de 2014.